

O USO DAS BOLSAS DE MANUTENÇÃO ACADÊMICA: um estudo sobre os bolsista do curso de Pedagogia da UFPE

Márcio Raphael Nascimento Maia 1
Daniela Maria Ferreira 2

RESUMO

Esse artigo apresenta um estudo sobre o uso das bolsas de manutenção acadêmica pelos estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tem por objetivo analisar de que maneira os estudantes do curso de Pedagogia têm utilizado essas bolsas ao longo de sua trajetória universitária, relacionando esses usos com a origem socioeconômica e cultural desses estudantes. É importante salientar que essa pesquisa deriva de outra já existente, que tem por objetivo investigar morfologia social dos estudantes de pedagogia da UFPE, ingressantes em 2012, realizada pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Família Escola e Profissão (GEPFEP). A pesquisa revelou que os auxílios e as bolsas sociais são importantes, mas não devem ser vistos como únicos instrumentos de inclusão e permanência dos estudantes no ensino superior.

Palavras chave: permanência, bolsa, origem socioeconômica.

1 - INTRODUÇÃO

A expansão do ensino superior e o acesso pelas camadas mais populares a esse nível de estudo no Brasil provocaram um aumento significativo no conjunto de ações políticas em termos de acesso e permanência na universidade pública. Desde a década de 1990, é possível verificar uma ampla discussão entre diferentes setores da sociedade com o objetivo de pensar e criar novas formas para garantir o acesso dos grupos sociais menos favorecidos. O resultado dessa discussão na qual participaram representantes de diferentes movimentos sociais, pesquisadores e gestores públicos, acabou por formatar um conjunto de políticas afirmativas que se concretizaram por meio da criação de bolsas de estudo, auxílios e novos modelos de seleção com remodelação do vestibular, cotas raciais e sociais. (NOGUEIRA; ROMANELLI; ZAGO, 2000; PAVÃO, 2004).

1 Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. marciornmaia@bol.com.br

2 Professora Doutora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacional – Centro de Educação – UFPE. Vice Coordenadora do Curso de Pedagogia – Centro de Educação - UFPE. dmrrf@yahoo.fr

Com o intuito de aumentar o número de vagas no ensino superior no Brasil, tanto na rede pública, quanto na rede privada, foram criados dois programas, o Programa Universidade Para Todos (Prouni) em 2004, e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) em 2003. Com o Prouni houve uma concessão de 1,2 milhão de bolsas entre 2004 e 2010 (Santos, 2011), e com o Reuni foram criados 14 novos campus das universidades federais entre 2003 e 2009, além de novos cursos, e também um aumento no número de vagas de cursos já existentes (Heringer e Ferreira, 2009).

De 1989 a 2002 houve um aumento de 129% no número de estudantes que conseguiram o acesso ao ensino superior no Brasil (OLIVEIRA et al., 2006). No entanto, o setor privado deteve 70% de todas essas novas matrículas feitas durante essa expansão, tornando o Brasil um dos países com mais alto grau de privatização nesse nível de ensino (PINTO, 2004). Esse fato levou, em alguns casos, a uma inversão de valores no quesito da ocupação de vagas dentro das universidades públicas brasileiras, principalmente, nos cursos de maior prestígio social e valor econômico que continuam a ser ocupados por estudantes de classe média e classe média alta (HUSTANA, 2012).

A UFPE desde 2011 passou a tratar esse conjunto de políticas sociais de inclusão através da Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis (PROAES), seguindo orientações do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) do Ministério da Educação (MEC). A distribuição de bolsas e auxílios para os estudantes está atrelada ao perfil socioeconômico dos estudantes. Assim os estudantes devem ter renda familiar per capita de até um salário mínimo e meio e ter cursado a educação básica, preferencialmente na rede pública de ensino¹.

Além dos critérios sociais, para a concessão de um dos auxílios, a bolsa de manutenção acadêmica, desde 2012 passou a ser vinculada ao desempenho escolar dos estudantes. Isto porque o estudante precisa ter notas regulares, não pode abandonar o semestre, e deve está vinculado a algum grupo de pesquisa para a concessão da bolsa, como mostra o Capítulo I, Art 1º

¹ Ver Edital da Proaes 2015.1

da Resolução 02/2012 da PROAES, que discorre sobre o programa de bolsas de manutenção acadêmica. Para os demais benefícios sociais (auxílio alimentação e transporte), basta está regularmente matriculado e com frequência regular durante o semestre.

Essas políticas públicas de assistência estudantil e seus programas tem por objetivo viabilizar a permanência dos estudantes no ensino superior, evitando com isso a evasão estudantil decorrente da falta de condições financeiras. Há pelo menos 5 modalidades de benefícios distribuídos atualmente para os estudantes da UFPE, conforme quadro abaixo. Esses benefícios são apresentados nesse formato desde 2011 pela PROAES.

Quadro 1 – Modalidades e valores dos benefícios oferecidos pela PROAES

Benefício	Valor R\$
Bolsa Permanência (manutenção acadêmica)	381,00
Auxílio Transporte	Até 211,00
Auxílio Alimentação	274,00
Auxílio Creche	350,00
Auxílio Moradia	350,00

Fonte: Edital da PROAES 2015.1

No auxílio transporte o valor é calculado no valor da meia passagem, no percurso da casa do estudante para UFPE e no retorno de volta pra casa. Sendo fixado o teto de R\$ 211,00. No auxílio alimentação os estudantes do campus Recife não recebem em dinheiro o benefício, e sim o direito de efetuar duas refeições (almoço e jantar) no Restaurante Universitário (R U). Exceto os estudantes do curso de Direito que recebem o valor de R\$ 274,00 referente ao Auxílio Alimentação devido à distância do Centro de Ciências Jurídicas e o R U. O Auxílio Moradia é concedido a estudantes que residem a no mínimo 30 Km de distância dos respectivos Centros Acadêmicos. Fonte: Edital da PROAES 2015.1.

2. As condições de assistência e permanência no ensino superior

Para melhor compreensão das dificuldades enfrentadas pelos estudantes de origem social menos privilegiada e historicamente excluídos do ensino superior, vamos utilizar as reflexões empreendidas por Pierre Bourdieu

em seu conceito de *habitus* e também por Alain Coulon e seu processo de *Afiliação*.

Bourdieu formula o conceito de *habitus* e o apresenta como uma importante ferramenta interpretativa da realidade no contexto de uma sociologia interessada em dissolver as fronteiras entre indivíduo e sociedade (Wacquant, 2006). De modo particular, estaria interessado em compreender como as condições objetivas que caracterizam a posição do indivíduo na estrutura social dão origem a um sistema específico de disposições e predisposições para a ação.

Essa flexibilidade com que os indivíduos conduzem suas atividades práticas, modificando suas ações e muitas vezes adotando comportamentos contraditórios ao longo do tempo e de acordo com a situação, sugerem que todo indivíduo deve ser tratado como autônomo, dono de si e que decide livremente o rumo de suas ações. No entanto, os dados sobre o comportamento individual indicam que os indivíduos não agem de forma aleatória nas suas tomadas de decisões, mas comportam-se de acordo com a especificidade do grupo social a qual pertencem.

Ao descrever, em 1950, um processo que se assemelha ao do Brasil atual, em que houve uma massiva expansão do ensino secundário na França, Bourdieu e Champagne (1992) chama atenção para a necessidade de pensar sobre as reais condições de permanência dos estudantes pobres no sistema de ensino formal. Se num primeiro momento, o acesso dos estudantes menos favorecidos cultural e economicamente foi encarado com grande euforia por parte da população francesa, num segundo, a sociedade percebeu que o simples acesso a níveis de ensino mais alto, pouco favorecia ao êxito profissional e/ou a ascensão social dos menos favorecidos.

Ao contrário dos estudantes que possuem uma condição socioeconômica favorável, os “bem nascidos”, possuidores de todas as condições necessárias para fazerem seus investimentos acadêmicos durante a sua trajetória educacional, os estudantes cuja condição socioeconômica familiar é menos favorável ficam, completamente, à mercê do acaso ou tendo o desafio de conseguir conciliar alguma atividade econômica e a universidade,

para conseguir renda e se manter dentro de um sistema cada vez mais complexo (BOURDIEU & CHAMPAGNE, 1992). Ao vivenciarem ao longo do curso todo tipo de constrangimento social e cultural, além de sentirem o pouco valor social atribuído ao diploma (quando integralizam o curso), os estudantes e suas famílias passam a conceber a escola como fonte de decepção, ou “terra prometida” e nunca alcançada.

Essas disposições, esse maior comprometimento do estudante bolsista com a universidade o qual falaremos nesse trabalho, envolve o desenvolvimento de certas disposições que se constituem como um conjunto de esquemas de percepção noção de *habitus*, gerando atitudes e determinando o indivíduo em uma determinada direção. O *habitus* funciona, assim, como um senso prático de como se deve agir (fazer, falar, se portar) em uma dada situação, e esse senso orientasse pelos valores, expectativas e conhecimentos do grupo o qual se é membro.

Numa perspectiva um pouco diferente, Allan Coulon (1997) nos mostra como ocorre o processo de adaptação e integração dos estudantes franceses à vida universitária em uma Universidade parisiense. O autor nos explica, por exemplo, que o estudante só adquire um novo status social ao ingressar na universidade se houver uma plena integração do estudante com a nova realidade e o contexto cultural que o cerca. Essa integração envolve, de acordo com o autor, o enquadramento de algumas condições essenciais da vida estudantil, como a apreensão de códigos, rotinas, ações e comportamentos considerados fundamentais para uma boa trajetória escolar.

Assim o aluno passaria por três etapas chamadas “tempos” para se chegar à condição de estudante, o tempo da entrada, do estranhamento, e da aprendizagem.

- O primeiro, o do tempo da entrada, é um período crucial de descobertas, torna-se o semestre de referência, em que o estudante tem que se adaptar às novas condições, ao espaço, aos novos colegas, aos mestres e as cobranças do ensino superior.

- O tempo do estranhamento, é etapa em que o estudante estabelece o domínio na organização do próprio tempo para dar conta das várias tarefas.
- O tempo da aprendizagem reflete a apropriação das etapas anteriores, junta o conhecimento da instituição para o estudante melhor aproveitar os serviços por ela oferecidos, o desenvolvimento de uma rede de suporte afetivo, atividades de integração de um modo geral, entre outras.

Esse conjunto significaria o aprendizado de ser estudante do ensino superior, o que por sua vez, levaria o estudante a um estágio chamado por Coulon de “afiliação”². Todos esses são mecanismos que fazem parte integração social do estudante.

“Aprender seu ofício de estudante significa que é preciso aprender a tornar-se estudante; caso contrário, é eliminado ou auto elimina-se porque permanece estranho a esse novo mundo” (Coulon, 1995, pág 142).

Para isso é de fundamental importância compreender como as políticas de inclusão social e assistência estudantil vêm sendo utilizadas pelos estudantes no seu cotidiano escolar de maneira a garantir as condições de inserção nesse processo de afiliação institucional e/ou intelectual, ou não.

Nessa mesma direção, os estudos de Lopes (2007), Fior (2003) e Bridi (2004), que também tentam compreender as condições sociais de permanência dos estudantes oriundos de camadas populares nas universidades, apontam o quão é importante à integração do estudante a instituição de ensino, tanto no campo acadêmico, quanto no campo social. Assim quanto maior o nível de comprometimento do estudante com a instituição, maiores as chances de chegar à conclusão do ensino superior. Em contrapartida quando não há integração por parte dos estudantes em compreender as regras do jogo

²,Segundo Alain Coulon (1977) criou uma tipologia para abordar o que definiu como “processo de afiliação”, onde o estudante passa à sua condição de ser estudante, e assumi um novo status social, quando se integra plenamente a esse novo contexto cultural (a universidade), esta integração envolve a apreensão de códigos, rotinas, ações e comportamentos que são fundamentais para uma trajetória acadêmica de sucesso.

escolar, as chances de desistência e evasão durante o curso de graduação aumentam consideravelmente.

Dentro de um contexto mais próximo e atual, as pesquisas realizadas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) por Heringer e Honorato (2012), na Universidade de São Paulo (USP) por Almeida (2009) e na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) por Portes (1990) mostram um conjunto de fatores que fazem com que os estudantes de baixa renda tenham muita dificuldade em permanecer no ensino superior até o término do curso. Esses fatores são: baixa escolaridade dos pais, baixa renda familiar, necessidade de conciliar trabalho com estudos, a distância entre a casa e a universidade, mas o que chama mais atenção é mesmo o fator financeiro.

A pesquisa citada e realizada na UFMG por Portes, mostra de forma acentuada a necessidade econômica dos estudantes das camadas populares, e a preocupação quase que diária com a falta de dinheiro, o que não acontece com estudantes mais aquinhoados material e culturalmente. Portes fala, que essa “angústia” do estudante, da falta de dinheiro para atender às suas necessidades básicas, prende o sujeito, não deixando-o livre para outros empreendimentos constitutivos inerentes a uma boa formação escolar.

Na USP, a pesquisa de Almeida (2009), analisou o processo de socialização no ambiente familiar de estudantes menos favorecidos economicamente, para entender a trajetória dos estudantes pesquisados até chegarem à universidade, o trânsito no ambiente universitário mediante a adaptação aos novos códigos, a linguagem, os afazeres, a convivência com os outros estudantes e os professores. Essa pesquisa foi realizada com 17 estudantes, sendo eles oriundos de cinco cursos diferentes, (Letras, Geografia, Ciências Contábeis, Física e História). A pesquisa mostra uma forte relação entre composição familiar dos estudantes e as estratégias usadas por suas famílias para que eles cheguem até o ensino superior.

Na UFRJ, a pesquisa feita por Heringer e Honorato relata a preocupação com a assistência estudantil devido ao aumento do número de vagas e criação de novos cursos ao longo da última década. As autoras procuram compreender como os estudantes recém-ingressos no ensino superior, tem condições de

permanecer em seus cursos de graduação até a conclusão. O resultado da pesquisa enfatiza a baixa quantidade de recursos disponíveis para a crescente demanda estudantil por assistência.

Além disso, as autoras ao discorrerem sobre a disparidade de oportunidades e os investimentos acadêmicos entre os estudantes de alta e baixa renda, mostram também que as condições desiguais de acúmulo de capital cultural, necessário no processo de aprendizagem e filiação à instituição escolar, são um dos principais empecilhos para os estudantes pobres permanecerem e concluírem o curso de graduação.

Assim, objetivado por meio do grau de escolarização e a profissão dos pais, bem como a trajetória escolar (anterior ao ingresso na universidade) e o local de moradia (capital, interior centro, periferia), o conceito de capital cultural ajuda a pensar nas inúmeras dificuldades enfrentadas pelos estudantes ingressos no ensino superior advindos das camadas populares e que antes não tinham acesso a esse nível de ensino. Da dificuldade de custear o transporte diário passando pela necessidade de conciliar trabalho e estudo até enfrentar o cansaço diário e ter disposição para acompanhar o ritmo de estudo necessário para garantir um desempenho escolar mínimo.

Diante do exposto, fica evidente a necessidade de se refletir sobre os programas de permanência dentro de uma política pública para as universidades, sobretudo, em uma época em que a passagem pelo sistema de ensino superior é apresentada como peça fundamental para mobilidade social da classe trabalhadora, por que mesmo a qualificação não sendo a garantia absoluta dessa mobilidade social, ela é sem dúvida a única alternativa aos menos favorecidos economicamente (BAUDELOT, 2004).

Procurando evitar um estado de estagnação social familiar, as famílias das classes trabalhadoras têm feito investimentos, cada vez mais, significativos na educação dos seus filhos (isso mesmo para o conjunto de pais com baixa escolaridade), levados mesmo que inconscientemente pela teoria do Capital Cultural, onde quanto mais o indivíduo se qualifica maiores são as chances dele conseguir um bom emprego, um cargo de alto nível, e ascender socialmente e culturalmente.

3 - OBJETIVOS

Identificar a origem sociocultural dos estudantes de Pedagogia ingressantes em 2012.

Identificar os investimentos acadêmicos ou não realizados por esses estudantes ao longo de sua trajetória na UFPE.

Relacionar os recursos sociais, culturais e educacionais (inclusive o uso da bolsa de manutenção) e os investimentos durante a graduação.

4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa foram de caráter quantitativo e qualitativo. Em um primeiro momento foram identificados e localizados, através de uma planilha com dados da PROAES, os estudantes do curso de Pedagogia que são beneficiados com a bolsa de manutenção acadêmica. Com base nesses dados do final de 2014, foi visto que 132 estudantes é o total de estudantes beneficiados com o auxílio da bolsa de permanência, e 40 desses 132 estudantes (30,3%) já faziam parte da pesquisa realizada pelo GEPFEP sobre a morfologia social dos estudantes de pedagogia. A partir dessa identificação, seguiu o segundo momento da pesquisa, que foram justamente esses 40 estudantes os pesquisados nesse trabalho.

Nesse sentido, os dados relativos à origem socioeconômica e cultural desses 40 estudantes já haviam sido coletados, após a análise desses dados coletados via questionários, foi realizado para melhor entender os usos da bolsa pelos estudantes, um conjunto de entrevistas com 10 estudantes desses 40 inicialmente identificados e pesquisados. A entrevista teve por objetivo conhecer melhor as dificuldades enfrentadas pelos estudantes para permanecerem na Universidade, conhecer, por exemplo, o que e como, de fato, os estudantes têm investido ou não, os recursos adquiridos por meio da bolsa de permanência. Além disso, as entrevistas permitiram identificar as dificuldades enfrentadas por esses estudantes no seu dia a dia na Universidade.

Localizados por meio dos contatos (e-mails/fone) obtidos por meio do questionário aplicado em 2012, atualmente esses estudantes estão cursando o 6º e 7º período.

5 – Discussão e resultado dos dados

De um modo geral os estudantes bolsistas pesquisados são de famílias de origem popular com uma baixa escolaridade, baixo capital cultural (apenas 2, 5% dos pais concluíram o nível superior) e econômico (60% dos pais exercem atividades manuais não qualificadas)³, estudaram, predominantemente, em escolas públicas (72% dos estudantes realizaram o ensino médio em estabelecimentos públicos).

Em função dessas características os estudantes do curso de Pedagogia fazem parte do conjunto dos estudantes que mais concentram bolsas de manutenção acadêmica na UFPE, campus Recife. Das 1.712 bolsas distribuídas para os 86 cursos oferecidos pela UFPE, Pedagogia está entre os cursos que mais concentram alunos que recebem esse tipo de bolsa: Geografia Licenciatura (20,25% dos alunos recebem bolsas), Pedagogia (17,60%) e Serviço Social (17,50%)⁴

Se num primeiro momento, de maneira praticamente unânime, todos os estudantes entrevistados dizem permanecer mais tempo dentro da UFPE após a aquisição da bolsa de manutenção acadêmica, num segundo percebemos o quanto eles se diferenciam em relação ao uso que fazem da bolsa e do tempo dentro da universidade.

Embora os estudantes não se diferenciem muito no que diz respeito ao volume de capital cultural familiar, percebemos que é a relação entre a composição familiar do estudante e sua situação socioeconômica que praticamente ajuda a compreender os usos diferenciados da bolsa de manutenção acadêmica pela população estudada. Nesse sentido, volume de

³ Legenda: Profissionais I e II (Ocupações ligadas a profissionais liberais - médicos, advogados, dentistas etc -, administradores e oficiais, gerentes, grandes proprietários, supervisores de trabalhadores não manuais); Não – Manual de Rotina (ocupações ligadas, principalmente, a escritório, trabalhadores religiosos, vendedores, oficiais de justiça, trabalhadores da educação); Técnicos, Supervisores e trabalhadores no Manual qualificado (artesãos e trabalhadores técnicos, serviços prestados) e Manual não qualificado (trabalhadores domésticos, braçais e mal definidos), cf. GPE.

⁴ Dados obtidos na Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis (PROAES) da Universidade Federal de Pernambuco relativo ao ano acadêmico de 2014.

capital cultural acumulado, como aquilo que se desenvolve ao longo de sua trajetória de vida e educação, podendo ser transmitido através da herança familiar, como também através de vários anos de estudo.

Assim dos 10 entrevistados, pelo menos metade (n=05), apesar de serem beneficiados com a bolsa de manutenção acadêmica, ainda precisam trabalhar. São também esses cinco estudantes que além de serem casados, possuem filhos. Quando questionados sobre o uso de suas bolsas, pelo menos três desses cinco afirmam enfaticamente que utilizam os recursos prioritariamente para suas necessidades básicas, como moradia e alimentação, e o que sobra, é que é investido academicamente, principalmente com cópias.

O depoimento da estudante *Kalline*⁵ é revelador da dificuldade de fazer uso da bolsa de manutenção acadêmica para permanecer mais tempo na UFPE e se dedicar aos estudos. Casada e mãe de dois filhos, Kalline depende totalmente dos auxílios que recebe da UFPE e das atividades remuneradas que exerce para se manter no curso de Pedagogia. Ao explicar que não conta com nenhum tipo de ajuda financeira por parte de sua família, a estudante se vê praticamente sozinha para custear a alta despesa familiar, como a educação de seus filhos. Em entrevista, a estudante relata que “*prefere atrasar suas despesas e se privar de algo (como deixar de investir academicamente ou mesmo perder aulas, grifo nosso), de que prejudicar a educação de seus filhos*”.

Situação semelhante acontece com a estudante Larissa, bolsista de manutenção acadêmica, que se vê obrigada a conciliar trabalho e estudo ao longo do curso. Em depoimento, a estudante fala com tristeza da dificuldade em participar mais ativamente da vida universitária e do problema que é quando o pagamento das bolsas atrasa. Apesar de não ser casada e não possuir filhos, a estudante fala da falta de recurso financeiro familiar e da necessidade em ajudar seu irmão mais novo, também estudante, a se manter numa universidade pública sem nenhum auxílio estudantil.

Diferentemente dos estudantes que precisam trabalhar apesar da bolsa de manutenção acadêmica, a pesquisa revela que os estudantes bolsistas não

⁵ Nesse trabalho todos os nomes dos estudantes pesquisados citados são fictícios.

trabalhadores conseguem se dedicar aos estudos com mais afinco, bem como ao conjunto de atividades oferecidas no âmbito da universidade, a exemplo dos grupo de estudos, palestras, programas de formação docente, programas de iniciação científica etc, O fato desses estudantes acumularem diferentes benefícios sociais além da bolsa de manutenção acadêmica (auxílio alimentação, auxílio transporte, e outras bolsas como Pibic e Pibid), os favorece pois eles passam mais tempo aqui dentro da UFPE voltados apenas para os estudos dentro das sala de aula, e fora dela.

O trecho da entrevista da estudante Manuela, que é casada mais não tem filhos, é revelador nesse sentido, e ilustra bem o parágrafo acima. Graças ao acúmulo de bolsas e auxílios, a estudante afirma ser possível comprar livros e ir até ao cinema, diferentemente dos estudantes que possuem apenas a bolsa de manutenção acadêmica.

“O valor da bolsa é baixo, mas ajuda sabe? Mas como eu tenho outras bolsas, isso me ajuda, por que aí sobra um pouco de dinheiro para comprar outras coisas pra mim, dá até para comprar livros, ir ao cinema de vez em quando. Mas isso por tenho outras bolsas, se fosse só a bolsa permanência, não dá”. (Cf. Pesquisa de campo, entrevista realizada em meio de 2015).

O mesmo foi possível observar na entrevista com as estudantes Bruna e Catharina. Além da bolsa de manutenção acadêmica, as estudantes também recebem auxílio alimentação e transporte. Ao serem questionadas sobre o uso da bolsa de manutenção, as estudantes afirmam que não somente conseguem se dedicar mais tempo aos estudos, como também participam com frequência das atividades extracurriculares.

De acordo com Bruna, casada e sem filhos, a bolsa de manutenção acadêmica lhe possibilitou não apenas passar mais tempo na UFPE, como também gerou condições para que ela desenvolvesse uma rotina de estudos.

“Sem dúvida após a aquisição da bolsa permanência passo mais tempo aqui, realizando atividades diversas, tenho que ficar mais tempo aqui dentro, sabe? Fazendo trabalhos porque a demanda é muito grande. Fico estudando mesmo, três vezes por semana passo o dia todo aqui no centro de educação. Se não fosse a bolsa teria que trabalhar, o que tomaria esse meu tempo fora da sala de aula que dedico aos estudos e a pesquisa”. (Cf. Pesquisa de campo, entrevista realizada em meio de 2015).

Já Catharina, solteira e sem filhos, fala do quanto o seu desempenho acadêmico melhorou em função de sua participação em grupos de estudos e atividades diversas que participa na universidade, dentro e fora da sala de aula. O que sinaliza uma boa integração dessa estudante com a instituição de ensino.

“Meu desempenho acadêmico aumentou consideravelmente, devido a participar de grupos de estudos, passei a ter acesso a novos textos, novas leituras e discussões, abre um leque de novas possibilidades de adquirir conhecimentos, acaba que nos aprofundamos em temas que também são vistos na sala de aula. Quando falo em atividades fora da sala de aula, é meio assim: como a gente passa mais tempo aqui na UFPE, acaba que ficamos sabendo de outros eventos que vão acontecer, tipo: palestras, congressos, aí dá pra participar, e até mesmo o orientador da pesquisa indica alguns eventos para participarmos”. (Cf. Pesquisa de campo, entrevista realizada em meio de 2015).

Embora o acúmulo de benefícios sociais pareça ter se constituído fundamental para criar condições objetivas no processo de aprendizagem e *afiliação* com a instituição universitária para Bruna e Catharina, é preciso lembrar que essa relação positiva entre assistência estudantil e permanência na universidade, no caso dos estudantes de pedagogia, está balizada pela situação familiar dos mesmos.

A análise das características socioeconômicas e familiar da estudante Aline sugere que mais do que acumular bolsas e auxílios, é a relação e a administração com o tempo que se mostra crucial para o acúmulo de saberes necessários à construção do gosto pela escola. Assim não se trata apenas de passar mais tempo na universidade para se adquirir vontade ou gosto em investir academicamente, para se afiliar com a instituição o estudante tem que por seus objetivos acadêmicos em destaque dentro do objetivo pessoal, se não apenas um maior período de tempo que ele passe dentro da universidade, não será suficiente para que essa *afiliação* aconteça, assim como foi com Catharina e Bruna.

Diferentemente das duas estudantes citadas acima, a fala da estudante Aline revela que, em função da necessidade de conciliar diferentes tarefas familiares com sua vida acadêmica, praticamente, não consegue investir em seu curso de graduação. Apesar de acumular diferentes tipos de benefícios

sociais oferecidos pela Proaes (bolsa permanência, auxílio transporte, e auxílio alimentação), a estudante acaba por utilizar todo seu tempo “livre” para dar conta dos afazeres domésticos, cuidar dos seus dois filhos e do marido que até pouco tempo atrás estava desempregado.

“Não, acho que não tem nenhuma ligação com meu desempenho acadêmico, quanto a ter maior tempo para estudar também, talvez sim, eu deveria ter mais tempo para estudar, mas como tenho várias outras funções, como cuidar da casa, dos filhos, do marido, acabo que não utilizo o tempo que deveria para estudar”. (Cf. Pesquisa de campo, entrevista realizada em meio de 2015).

6 – CONCLUSÕES

Foi visto através de dados da Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis (PROAES) que 132 estudantes eram beneficiados ao final de 2014 com bolsas de manutenção acadêmica, dentre esses 132, 40 estudantes bolsistas (cerca de 30%) fazem parte dessa pesquisa do GEPFEP, sendo esses os estudantes analisados.

Se constatou que entre os estudantes de pedagogia da UFPE ingressantes em 2012 de origem social menos privilegiada, o uso da bolsa de manutenção acadêmica, vem sendo importante para a permanência deles dentro do ensino superior, no entanto a bolsa não pode ser vista como único instrumento de inclusão e permanência estudantil no ensino superior.

A pesquisa mostrou que os estudantes bolsistas passam mais tempo dentro da universidade realizando atividades diversas, (pesquisas, grupos de estudos, etc), e mantém uma relação maior com a instituição, teóricos como Coulon, e Bridi falam desse processo, que à medida que o estudante está mais ligado a instituição, participando de diversas atividades, a probabilidade desse estudante chegar até o fim do curso é maior de que dos outros estudantes. Outro dado importante revelado pela pesquisa, é que o acúmulo de bolsas permite que o estudante se dedique plenamente a graduação, sem a necessidade de trabalhar, ou exercer algum tipo de atividade remunerada.

A análise do perfil social dos estudantes revelou que apenas 5% dos pais pesquisados frequentaram a faculdade. Porém, isso não impediu que eles

dessem apoio aos seus filhos, os investimentos continuaram sendo feito por eles, podemos dizer que estratégias familiares foram traçadas para que seus filhos chegassem até o ensino superior, sendo esses investimentos financeiros ou não.

Todas essas características que a bolsa de manutenção acadêmica agrega, como o aumento do tempo que os estudantes ficam na universidade, um contato maior com professores e outros estudantes envolvidos em pesquisas, o acesso a novas formas de aprendizagem fora da sala de aula, a participação de grupos de estudo, a internalização de certas posturas e competências, muitas vezes transmitida de forma implícita ou sutil, formam um ambiente propício ao se desenvolver um *habitus* acadêmico. Esse pode ser o grande legado que a bolsa de manutenção acadêmica pode transmitir ao estudante.

Porém, mesmo os estudantes bolsistas se diferenciando dos não bolsistas, pois a bolsa possibilita todas essas disponibilidades acima descritas de aumentar o conhecimento acadêmico, inclusive em espaços fora da sala de aula. As bolsas e os auxílios mostram-se insuficientes para garantir uma série de recursos culturais e sociais para que os estudantes permaneçam na academia, pois esses tipos de recursos não se acumulam da noite para o dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Wilson Mesquita. **Esforço contínuo: estudantes com desvantagens socioeconômicas e educacionais na USP**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BAUDELOT, Christian. **As qualificações aumentam, mas a desigualdade torna-se ainda maior**. Pro-Posições, Vol 15, n. 2. 2004.

BOURDIEU, Pierri.; CHAMPAGNE, Patrick (1992). **Os excluídos do interior**. In NOGUEIRA, M. A.; CATANNI, A. (Orgs). In: **Escritos da Educação**. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2011. Cap 03

CATANI, A.; HEY. A.; GILIOILI. R. **PROUNI: democratização do acesso às Instituições de Ensino Superior?** Educar, Curitiba, n 28, p. 125-140, 2006.

COULON, Alain (1997). **A condição de estudante. A entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HADDAD, Sérgio. **Banco Mundial, OMC e FMI: o impacto nas políticas educacionais**. São Paulo: Editora Cortez, 2005. Cap 01.

HERINGER, Rosana. **O que será do amanhã? – Perspectivas sobre o futuro após o Ensino Médio entre estudantes negros e brancos na idade de Deus, Rio de Janeiro**. In: Encontro Anual da ANPOCS, 36ª, Águas de Lindóia, 2012.

HERINGER, Rosana. & HONORATO, Gabriela. (2012). **Políticas de permanência e assistência no ensino superior e o caso da UFRJ**. Cap 12 In: Ensino Superior no Brasil,

HUSTANA, Vargas. **Mobilidade Social pela Via do Ensino Superior**. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro 2009.

NOGUEIRA, Cláudio M. M.. **Entre o subjetivismo e o objetivismo – considerações sobre o conceito de habitus em Pierre Bourdieu**. *Teoria & Sociedade*, Belo Horizonte, n. 10, jul./dez., p. 144-169, 2002.

PIOTTO, Débora. **Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2014. Cap 04, 05 e 06.

PIRES, Valdemir. **Economia da Educação para Além do Capital Humano**. Editora Cortez, 2005. Cap 03.

LUNA, Sérgio. **Planejamento de pesquisa, uma Introdução. Elementos para uma Análise Metodológica**. São Paulo: Educ, 1998. Pág 70-94.

PROAES, **Edital para Assistência Estudantil 2015.1**. Disponível em: https://www.ufpe.br/proaes/index.php?option=com_content&view=article&id=524:edital-para-assistencia-estudantil-20151&catid=2&Itemid=122. Acessado em: 20 de maio de 2015.

VILAS BOAS, Gláucia K. (1992), **A vocação das ciências sociais (1945-1964): um estudo da sua produção em livro**. Tese de doutorado, São Paulo, USP.

Wacquant, L. (2006.). **Seguindo Pierre Bourdieu no campo**. Revista de Sociologia e Política, 26, 13-29.